A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DA MARGEM DO ARROIO PILÃO DE PEDRA

Leonardo de Andrade (PROVIC/UEPG), Almir Nabozny (Orientador), Everton de Deus (Co-orientador). E-mail do orientador: almirnabozny@yahoo.com.br
Universidade Estadual de Ponta Grossa/DEGEO/SEXATAS

Área do Conhecimento: Ciências Humanas (7.00.00.00-0). Subárea: Geografia Humana (7.06.01.00-3)

Palavras-chave: Epistemologia da Geografia, espaço vivido, percepção ambiental.

Resumo

A presente pesquisa visou compreender a percepção ambiental dos moradores da margem do arroio Pilão de Pedra (espaço urbano de Ponta Grossa-PR) perscrutando a dimensão do espaço vivido. De acordo com Oliveira (1996) a percepção ambiental visa identificar a interação entre ambiente e sujeito. Os procedimentos de pesquisas envolveram entrevistas semiestruturadas, trabalhos de campo (com diário de campo e registros fotográficos), buscas de imagens em arquivos historiográficos e análise bibliográfica. Como resultados destaca-se que cada morador possui uma percepção ambiental singular – todavia, o tempo de vivência (moradia) nas margens do arroio (a), os episódios biofísicos intensos (b) e as possibilidades de acesso à cidade (deslocamento) (c) foram as três principais dimensões do espaço vivido que mediaram às relações entre moradores e margens do arroio na configuração de suas percepções ambientais.

Introdução

A cidade de Ponta Grossa se demonstra geograficamente em um importante eixo rodoferroviário no Estado do Paraná. Historicamente os tropeiros atravessavam a região transportando as mais diversas mercadorias entre Viamão (RS) – Sorocaba (SP). Através desse caminho trilhado que se desenvolveram as atuais linhas férreas e estradas, pois durante as viagens os tropeiros realizavam paradas na região, e essas paradas acarretaram no desenvolvimento de pequenos comércios e que com o passar dos anos foi se consolidando enquanto cidade, como é o caso de Ponta Grossa, Castro, entre outras cidades que se formaram devido à influência do fluxo de passagem em sua região (SAHR, 2001).

De acordo com Oliveira (1996) a percepção do ambiente pode se dar tanto no urbano quanto no rural, assim como, no construído e no não construído, na Percepção Ambiental envolvem-se vários estágios para sua apreensão. Começando a obter inicialmente a sensação, a partir dos órgãos sensoriais em que as experiências produzidas pela audição, tato, paladar e os demais sentidos configuram um primeiro estágio da percepção. Após as sensações, passa se a atividade cognitiva em que o sujeito impõe seu interesse na “percepção”, e a interpreta sob os auspícios de suas experiências vividas.

O Arroio Pilão de Pedra nasce no centro da cidade, próximo a Praça Barão do Rio Branco. Quase no exato local da nascente do arroio foi fundado em 1939 o Cine Império, o qual durante uma inundação teve as suas estruturas danificadas e assim o edifício foi interditado até sua demolição no ano de 2014. Durante o início do

século XX, a atual praça possuía uma função social diferente, ela não era constituída enquanto uma praça, mas sim um Largo, isto é, uma área em que as pessoas deixavam seus cavalos no momento em que faziam compras (entre outras atividades) no centro, ainda havia pouca urbanização na área destacando-se os prédios do extinto Colégio São Luiz e o Colégio Estadual Regente Feijó.

Na temática da percepção ambiental em evidência destaca-se que o centro da cidade opera enquanto um condensador da vivência espacial da cidade. Produz-se um ambiente aglutinador de perspectivas sobre o que querem e o que gostam ou não, seus sonhos e expectativas de futuro. Tudo isso irá influenciar na ação espacial desses indivíduos e influenciando em suas respectivas percepções ambientais.

Em meados da década de 1920 o arroio Pilão de Pedra era uma fonte de água natural, localizada na Rua Engenheiro Schamber próximo ao Ponto Azul, onde moradores de qualquer cidade que por ali transitasse teriam acesso a fonte de água. Essa vertente ainda é a mesma, porém não há mais a fonte e a sua utilização para o consumo hídrico. Com a urbanização em seu leito e com o passar dos anos o seu fluxo foi canalizado à medida que a malha urbana se estendia enquanto demanda de aumento de construções do centro da cidade (SILVA, 2017).

Fotografia 01- Rua General Carneiro

Fotografia 02- Rua General Carneiro esquina com a Rua do Rosário



Fonte: Fotografia 01 extraída dos arquivos digitais da Casa da Memória (Ponta Grossa, acessado no ano de 2018). Fotografia 02 extraída do site *Google Earth* em 2018.

Conforme algumas percepções em campo destacam-se das fotografias 01, 02 a construção social do espaço urbano, à medida que se desenvolve, transforma o ambiente de acordo com interesses e, com a evolução das técnicas e equipamentos de construção se tornou possível canalizar um arroio em parte significativa de sua extensão, permitindo com que se construíssem ruas e edifícios sob o fluxo d'água canalizado. Atualmente o arroio é canalizado até a Rua Catão Monclaro e segue seu fluxo entre as vilas Ana Rita, 31 de Março, possui uma urbanização gradativa desde meados da década de 1920. A água atualmente não é potável, é contaminado por diversas fontes de poluição.

O arroio possui duas ruas que interligam as suas margens na Rua Prof. Bruning onde possui um pequeno trecho de canalização subterrânea e na Rua Zacarias de Góes Vasconcelos onde há uma ponte. Desde o início do fluxo do arroio

em céu aberto não se é possível passar sob o vale sem serem por essas duas ruas que se concretizam também como divisores espaciais. Portanto, há uma profunda intervenção social no arroio, mas ao mesmo tempo enquanto uma dimensão biofísica o arroio também existe sob as leis naturais, de tal modo que gera uma interessante condição ambiental para aqueles que residem justamente nas margens do arroio.

Materiais e Métodos

Em termos de procedimentos operacionais e análise dos dados foram realizados trabalhos de campo com a realização de entrevistas semiestruturadas (com assinatura de termo de livre consentimento) por ser uma abordagem coerente para análise do discurso posteriormente desenvolvida na perspectiva de Gill (2008). Nas entrevistas utilizou-se de um minigravador para possibilitar a transcrição das entrevistas. Também se utilizou a leitura do Plano Diretor Municipal (2010) em relação aos usos do espaço possíveis na área de estudo.

A percepção ambiental é composta pelos estímulos que nossos órgãos sensoriais nos proporcionam, e a partir dessas informações há uma interpretação de acordo com o interesse do sujeito, e esse interesse carrega consigo aspectos individuais do sujeito, seu propósito, a cultura em que é influenciado e também as experiências de vida.

Resultados e Discussão

As entrevistas se deram a partir que os moradores aceitavam serem entrevistados, concordando com a gravação do áudio, muitos moradores se recusaram ou não estavam em casa (e assinatura do termo de livre esclarecimento). Os moradores se demonstraram familiarizados com pesquisas já realizadas anteriormente, na maioria das vezes realizadas por agentes da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa (PMPG).

Os moradores entrevistados possuem as mais diversas características socioeconômicas que também compõem suas percepções do ambiente. Observou-se que um fator que influencia bastante na percepção do arroio é o tempo de moradia, quanto mais tempo se convive com arroio, em específico, reflete em extensão espaço temporal de experiências vivenciadas, porém não podemos afirmar o mesmo sobre a intensidade, pois um sujeito pode vivenciar uma situação mais intensa, na composição da percepção ambiental, passando somente uma vez em um lugar e vivenciando uma experiência marcante. Em resumo quantidade de experiência não significa qualidade de percepção. Os moradores que vivenciam por mais tempo o espaço pode notar melhor sua transformação. O espaço urbano se concretiza na cidade, que utiliza o meio natural para sua reprodução social, exigindo sempre a expansão do perímetro urbano. As pessoas que vivenciam essa transformação vêm o natural se tornar construídas até certo ponto que o natural chega a ser o atrativo.

Os relatos revelam que a expansão da cidade e por consequência a poluição do arroio mudou a visão e a percepção sobre arroio que observamos hoje. O arroio é visto como esgoto para a maioria dos moradores, mas somente para aqueles que vivenciaram as diferentes transformações desse curso d'água há muitos anos é que consegue ter a percepção que anteriormente o fluxo d'água era limpo.

Conclusões

O espaço é *experienciado* diferencialmente por cada um, existindo diversas percepções sobre um mesmo lugar, tornando impossível obter uma única percepção verdadeira, mas observar e estudar várias percepções e compreender como o arroio é percebido pelos moradores de sua margem.

A expansão urbana juntamente a canalização do arroio é um grande influenciador para sua poluição, alterando sua composição química e física do fluxo d'água. Os moradores de sua proximidade vivenciam o arroio diariamente e possuem um acúmulo de experiências positivas e negativas que com sua relação com espaço pode criar uma percepção topofílica, pertencimento e identificação, como também produzir topofobias, tais como, medos inerentes a experiências vividas. A percepção do arroio carrega consigo aspectos vividos pelo sujeito direta ou indiretamente, compondo a relação do sujeito com o ambiente forjando a percepção ao percebê-lo.

Agradecimentos

Quero agradecer a Universidade Estadual de Ponta Grossa por manter ativo um Programa anual de Iniciação Científica em que podem desenvolver pesquisas tanto alunos bolsistas como voluntários, como foi o meu caso. Agradeço também a meu orientador Almir Nabozny e ao co-orientador Everton de Deus que ajudaram na composição dessa pesquisa científica.

Referências

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.244-270.

OLIVEIRA, Lívia de. Percepção e Representação do Espaço Geográfico. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Lívia de (orgs.). **Percepção ambiental**: a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel, 1996. p.187-212.

Plano Diretor da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa e Geoprocessamento. Disponível em <http://geoweb.pontagrossa.pr.gov.br/>. Acesso em 22 de junho de 2018.

SAHR, Cicilian Luiza Löwen. Estrutura interna e dinâmica social na cidade de Ponta Grossa. In: DITZEL, Carmencita de Holleben Mello; SAHR, Cicilian Luiza Löwen (orgs.). **Espaço e Cultura**: Ponta Grossa e os Campos Gerais. Ponta Grossa: UEPG, 2001. p.13-36.

SILVA, Thiago Luiz Bohatch da. **Os arroios no processo de urbanização de Ponta Grossa–PR (1900-1950)**. 2017, 118 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós Graduação em História, Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa 2017.